



Comunicação de
Pesquisa

Estrabão
Vol. (4): 709 - 722
© Autores
DOI: 10.53455/re.v4i1.122



Recebido em: 30/07/2023
Publicado em: 31/12/2023

Proposta didática e Ensino de Geografia: O conceito de paisagem por meio da cidade de Silva Jardim-RJ

Didactic proposal and Teaching Geography: The landscape concept through the city of Silva Jardim-RJ

Andressa Cabral Barci^{1A}, Ana Claudia Ramos Sacramento

Resumo

Contexto: O ensino dos conteúdos voltados para pensar a cidade a partir do conceito de paisagem colabora na Geografia em trabalhar com as práticas socioespaciais dos estudantes para que eles possam mobilizar seus conhecimentos e contextualizar o que estejam aprendendo na escola a partir da aprendizagem significativa. Desta maneira, o objetivo deste texto é analisar a importância da discussão da paisagem para o ensino de Geografia a partir da proposta didática sobre Silva Jardim-RJ para turmas do 6º ano do ensino fundamental anos finais. **Metodologia:** A partir da pesquisa-ação que é uma metodologia dinâmica e ativa, pois os sujeitos estão em processo de ação, de construção, de produção. Assim, o desenvolvimento da pesquisa está articulado em quatro partes: a) apresentação e atividade realizada pelos estudantes; b) apresentação da discussão da paisagem; c) análise da paisagem da cidade de Silva Jardim e d) realização da maquete. **Considerações:** A partir disso podemos concluir que os estudantes aprenderam novos conceitos e conteúdos sobre a cidade e a paisagem, uma vez que eles responderam e participaram das atividades propostas e conseguimos compreender o avanço na interpretação e análise dos conceitos trabalhados.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia, Cidade, Proposta Didática, Silva Jardim.

Abstract

Context: The teaching of content focused on thinking about the city from the concept of landscape contributes to Geography in working with students' socio-spatial practices so that they can mobilize their knowledge and contextualize what they are learning in school from meaningful learning. Thus, the aim of this text is to analyze the importance of the landscape discussion for the teaching of Geography from the didactic proposal about Silva Jardim-RJ for 6th-grade classes of the final years of elementary school. **Methodology:** Based on action-research, which is a dynamic and active methodology, as the subjects are in the process of action, construction, production. Thus, the development of the research is articulated in four parts: a) presentation and activity performed by students; b) presentation of the landscape discussion; c) analysis of the landscape of the city of Silva Jardim and d) making of the model. **Considerations:** From this we can conclude that the students learned new concepts and content about the city and the landscape, since they answered and participated in the proposed activities and we were able to understand the progress in the interpretation and analysis of the concepts worked on.

Keywords: Geography Teaching, City, Didactic Proposal, Silva Jardim

Introdução

Temos buscado, a cada dia, dar sentido ao ensino de Geografia, seja na escola ou em outros espaços de aprendizagem. Temos orientado a compreensão do significado de pensar geograficamente a partir da localização, da orientação, dos fenômenos sejam eles sociais ou físico-naturais, para que as pessoas possam saber entender seus lugares e saber agir sobre eles.

O objetivo deste texto é analisar a importância da discussão da paisagem para o ensino de Geografia, a partir da proposta didática da rede municipal de Silva Jardim-RJ, para turmas do sexto ano dos anos finais do Ensino Fundamental. Assim, como os estudantes podem identificar e reconhecer os conteúdos, fenômenos e conceitos presentes no espaço geográfico das suas cidades? Com base nessa pergunta, buscamos construir diferentes propostas e materiais didáticos para pensar o conceito de paisagem, partindo de elementos presentes no município de Silva Jardim, que é pertencente à região das Baixadas Litorâneas do estado do Rio de Janeiro. Este município é pequeno em tamanho e em população, em relação aos outros municípios do referido estado. Seus dados serão apresentados ao longo do texto. Já seu processo urbano, está concentrado na parte central da cidade, onde se localiza o comércio e serviço com o número mais expressivo da população local.

A proposta aqui apresentada é parte do Projeto de Pesquisa “Propostas e Materiais didáticos para professores de Geografia do estado do Rio de Janeiro” financiado pelo Apoio a Projetos Temáticos no estado do Rio de Janeiro (2022-2026) financiado pela FAPERJ e Projeto Universal financiado pelo CNPQ (2022-2025).

Ensinar Geografia promove uma série de reflexões, pois as pessoas precisam se locomover para fazer diferentes atividades diárias, compreender as diferentes características e dinâmicas populacionais em diferentes escalas, analisar como ocorrem as dinâmicas físico-naturais como os fenômenos climáticos, da água, as formações do relevo e seus impactos sobre as paisagens, as transformações do espaço pelo processo da urbanização, os problemas sociais ligados à saúde, educação, violência, dentre outros, que nos mobilizam a pensar geograficamente nos lugares onde vivemos. Para tanto, precisamos desenvolver formas de leituras sobre os fenômenos que estão espacializados.

Segundo Cavalcanti, “a compreensão mais ampla e crítica do ensino geral e dos fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia escolar, realizada pela teoria didática, é um dos subsídios para a atuação docente consciente e autônoma” (Cavalcanti, 2012, p. 40). Dessa forma, a autora salienta a relevância de se trabalhar com diferentes propostas didáticas com fundamentos teórico-metodológicos que permitam o desenvolvimento da prática docente na busca da mediação do conhecimento do aluno.

Para ler os fenômenos, os alunos precisam ter uma lógica de organização da aprendizagem, realizar algumas etapas, a fim de perceber as diferentes formas de análise sobre uma dada realidade. Logo, é importante que as ações didáticas dos professores estejam sempre direcionadas a pensar na construção dos fenômenos, conteúdos e conceitos, já que possuem elementos cognitivos necessários para entendê-los.

Para tanto, trabalhar a cidade contribui para que os estudantes, que em sua maioria vivem nestes espaços, possam refletir e associar os diferentes elementos que estão compostos na paisagem e, a partir deles, ler, interpretar e analisar as diferentes dinâmicas recorrentes a ela, para que saibam compreender que a cidade é fruto da obra da história construída por seus sujeitos, ou simplesmente, a ação da sociedade que vive, produz e reproduz esse espaço, onde ocorrem múltiplas relações sociais, econômicas, históricas, geográficas em constante transformação. Sendo assim, exige uma compreensão contínua da organização e estruturação das novas dinâmicas do espaço (Souza, 2011).

Desta maneira, o texto está dividido em quatro momentos: o primeiro destaca a questão de pensar o ensino de Geografia articulado com a relação referente à cidade de Silva Jardim-RJ; o segundo, a discussão a respeito da metodologia de pesquisa e seus impactos na organização da proposta didática e do conhecimento geográfico sobre a cidade; o terceiro, compreender a importância da proposta didática na construção do conceito de paisagem e da aprendizagem significativa; o quarto, o debate, propriamente dito, da proposta didática, articulando a cidade de Silva Jardim-RJ e considerações finais e os diferentes resultados da pesquisa.

Ensino de Geografia e a cidade de Silva Jardim-RJ

Ensinar o conhecimento, por meio da cidade, possibilita aos estudantes apreenderem as diferentes

dinâmicas que as cidades estabelecem, de acordo com seus objetos, funções, formas e fenômenos espacializados, dando sentido àquilo que estão vivenciando. Por conta disso, pensar a cidade é analisar a sua dimensão como um produto e um condicionador de uma produção social do espaço, que se organiza e se estrutura por diferentes atores e agentes que buscam, a partir das múltiplas relações sociais, econômicas, históricas e geográficas, em constante transformação, desenvolver novas e contínuas dinâmicas do espaço geográfico (Souza, 2011).

O autor ressalta que a cidade tem muitas facetas, por isso é algo muito complexo, com múltiplas formas e conteúdos, além da própria sociedade já que é produto das relações sociais diversificadas em todas as áreas de atividades. Essas atividades implicam a compreensão do que pode ser transformado no espaço e o que pode ser apropriado ou não pelos sujeitos na cidade. Esta que tem seus diferentes fluxos e fixos cria uma relação única com o lugar.

Para Santos (1988), a cidade se constitui numa heterogeneidade de formas, mas está subordinada a um movimento que é global, isto porque, as mudanças são de acordo com as necessidades e da hierarquia que cada cidade relaciona entre si, a partir da maneira como elas “se organizam e desorganizam de acordo com suas funções” (p. 38). Por isso, a história de uma cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar.

Ela se torna parte da produção da vida, porque ela se estrutura de acordo com o meio geográfico que, para Santos (1988), se torna mais artificial, a partir do momento que incorpora novas funções, novas formas, novos conteúdos, novos objetos artificiais que potencializam novos usos das cidades pelos sujeitos em que nela vivenciam.

Desse modo, quando pensamos a cidade, sua paisagem se constitui conforme Santos (1988), pelos resíduos de estruturas que se constituíram do passado no presente, ou seja, a rugosidade. Essa rugosidade permite ver as formas que a cidade se constitui e, a partir disso, entender os seus arranjos. O autor também argumenta que a paisagem se estrutura conforme a dimensão entre ela e a produção:

isto é, à produção propriamente dita, também o estão à circulação, distribuição e consumo. A paisagem se organiza segundo os níveis destes, na medida em que as exigências de espaço variam em função dos processos próprios a cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes. Por essa razão, a paisagem urbana é mais heterogênea, já que a cidade abarca diversos tipos e níveis de produção (Santos, 1988, p. 72).

Assim, cada cidade apresenta diferentes elementos presentes nela, porque cada uma dispõe de tipos e características que as diversificam uma das outras, dando novos significados. E por conseguinte, a paisagem urbana também é o reflexo da relação entre o homem e a natureza, e podendo ser vista e percebida como a tentativa de ordenar o que está em sua volta com base em uma paisagem natural. E a maneira como ela é projetada e construída pode refletir em uma cultura, que é o resultado da observação do ambiente, assim como, da experiência individual ou coletiva com relação a ele.

Para Sacramento (2017), quando se estuda a cidade é possível o reconhecimento dos estudantes sobre os fenômenos do lugar onde vivem, caminham e consomem suas práticas cotidianas, como, por exemplo, indo ao centro para lazer, serviços ou comércio; vivenciando seus bairros, lugar de pertencimento, além dos problemas urbano-ambientais, como as enchentes, o trânsito caótico, a falta de saneamento básico adequado e, no caso do estado do Rio de Janeiro, a violência e o tráfico.

Os estudantes vivenciam a cidade em suas diferentes reações, desejos e ações ao caminharem sobre ela, por isso, precisam refletir sobre as diversas representações, bem como os signos e símbolos que se apresentam espacialmente, possibilitando diferentes formas de ler o mundo vivido e dar significado a ele.

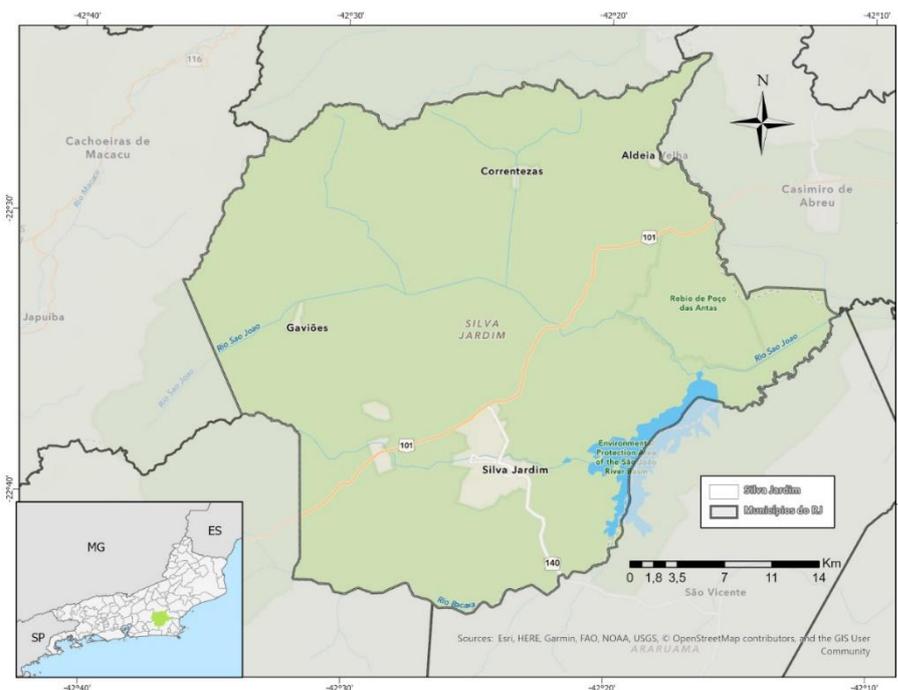
O estudo da cidade propicia a discussão sobre a espacialidade diária do indivíduo, seu modo de vida, de produção econômica, cultural, ambiental, social, em que está inserido o aluno. A vida cotidiana de muitos desses estudantes está baseada nas suas práticas socioespaciais, que nessa pesquisa, foram desenvolvidas, a partir da proposta didática sobre Silva Jardim.

Silva Jardim é parte da região das Baixadas Litorâneas do estado do Rio de Janeiro, compreendendo a porção sudeste do estado do Rio de Janeiro (Figura 1), tendo como atividade econômica maior a de serviços. Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) estabelecem que atualmente o

município tenha 21.775 habitantes, possui um território de 937,755 km², suas características atendem 61,3% dos domicílios com esgoto sanitário e 65,1% de domicílios urbanos em áreas públicas com arborização, 24,3% em vias urbanas adequadas (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio) e 7,82km² de área urbanizada. Isto significa dizer, que ela se enquadra de acordo com a conceitualização do IBGE (2022), como parte do centro local, ou seja, constitui apenas o centro do município como parte integrada para a hierarquia urbana.

Figura 1

Localização do município de Silva Jardim-RJ.



Fonte: Organizado por Phillipe Valente (2022)

Do ponto de vista da caracterização ambiental, segundo Oliveira (2020), esta tem diferentes combinações de domínio geomorfológico, com Escarpas da Serra dos Órgãos, Colinas e Maciços Costeiros, e Planícies Costeiras, também sendo composta por pequenas elevações onde estão localizados os maiores trechos dos rios que estruturam a bacia do Rio São João, com terras férteis (Coe, 2007).

É uma cidade considerada pequena, do ponto de vista econômico e urbano, em relação aos outros municípios do estado do Rio de Janeiro, uma vez que seu Produto Interno Bruto, segundo o IBGE (2021), está na quinquagésima terceira posição. Em relação ao serviço, destaca-se o ecoturismo local, tendo em vista que a cidade tem parte do seu território (30% ou seja, 340km²) em área protegida pela Reserva Biológica Poço das Antas, reserva biológica federal destinada ao projeto de preservação da Mata Atlântica e do mico-leão-dourado, que fica a beira da BR 101. A Área de Proteção Ambiental (APA) da Bacia do Rio São João, criada em 2002, abrange mais da metade da área do município, dividindo espaço apenas com pequenos núcleos urbanos. A instituição tem como objetivo proteger e preservar mananciais, regular o uso dos recursos hídricos e o parcelamento do solo, para que garanta o uso racional dos recursos naturais e proteger remanescentes da Mata Atlântica. (Oliveira, 2020)

Trabalhar a paisagem de Silva Jardim com os estudantes, para a compreensão do conceito de paisagem abordado nos documentos curriculares, traz a dimensão de pensar suas práticas socioespaciais, a fim de que eles construam e pensem sobre o conceito e os fenômenos envolvendo essa temática. Sendo assim, auxiliá-los a aprender sobre sua cidade e suas rugosidades, suas funções, suas formas presentes nos lugares onde passam.

Portanto, articular o ensino da cidade com as propostas de atividades didáticas relacionadas às discussões sobre paisagem, possibilita que o aluno reconheça, analise e reflita sobre sua realidade, tendo como sentido básico, educá-lo geograficamente. Fazer esse aluno perceber os fenômenos geográficos localizados em Silva Jardim, saber descrever e analisar as diferentes formas das paisagens deste município, contribui para a

construção do seu conhecimento geográfico.

Pesquisa-ação: movimentos no processo de ensino-aprendizagem

A pesquisa tem como cunho a construção do conhecimento de maneira qualitativa, isto significa dizer, que é uma abordagem que busca trabalhar com os aspectos mais subjetivos do comportamento social humano. Dessa maneira, os objetivos desta pesquisa, geralmente, estão articulados com os sujeitos e os fenômenos que acontecem em um determinado local, tempo e cultura.

Dentro desta abordagem é interessante pensar que seu estudo considera o contexto dos sujeitos e suas características de maneira geral, permitindo ler, compreender e avaliar os diferentes processos do conhecimento a ser estudado.

Segundo André (2000), quando tratamos de pesquisa nas escolas, a abordagem precisa dialogar com as condições de cada ambiente, contexto e ações, para que se mobilize a compreensão do conhecimento.

Partindo dessa premissa, a perspectiva da pesquisa é trabalhar por meio da pesquisa-ação, pois é fundamental para que ocorra esse movimento, uma vez que o sujeito se torna pesquisador. De acordo com Thiollent (2007), a pesquisa-ação na escola permite a construção de conhecimento de todas as partes da pesquisa, o pensar e a reflexão dos objetos que estão em volta e a melhoria social e educativa dos sujeitos. É uma metodologia dinâmica e ativa, na qual os agentes sempre estão em processo de ação, de construção, de produção.

Para Thiollent (2007), a pesquisa-ação se caracteriza por ser interpretativa, analítica de observação e produção de materiais para refletir as ações realizadas no âmbito escolar. No caso deste trabalho, estamos relacionando as ações docentes e discentes na perspectiva de construir propostas articuladas, a partir dos conceitos e dos conteúdos geográficos, trabalhando a escala local.

A escola em questão, onde está sendo desenvolvida a pesquisa, se localiza no município de Silva Jardim. Escola municipal que possui quatrocentos e trinta estudantes matriculados no total, sendo duzentos e onze, dos anos iniciais e duzentos e dezenove, dos anos finais, com doze turmas no período da manhã e seis turmas no período da tarde. Em média são vinte e cinco estudantes por turma. Todos os estudantes são residentes da cidade de Silva Jardim, classe social baixa (a escola não disponibilizou a renda média das famílias), em sua maioria recebendo bolsa família, média de doze anos de idade, a maioria conhece a cidade e seus pontos turísticos e quase não saem do município. Vale destacar que muitos alunos moram em bairros distantes da escola, levando em média 1 hora e 30 minutos de deslocamento de sua casa até a unidade escolar. Além disso, vieram da pandemia da COVID-19, com vários problemas ligados à alfabetização e ao conhecimento da própria Geografia.

A proposta didática foi pensada para as duas turmas do sexto ano, nas quais a professora está trabalhando o currículo do município, o qual aborda no primeiro bimestre o conceito de Paisagem. A proposta curricular de Silva Jardim (2002) traz o estudo da paisagem logo no primeiro bimestre, apresentando a importância que esse estudo seja contextualizado e relacionado ao ambiente dos alunos, para que possam compreender melhor a teoria e relacioná-la à sua realidade. A proposta apresenta algumas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e da Proposta curricular do ensino fundamental II do município de Silva Jardim (2022) que devem ser trabalhadas no bimestre, como: (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários; (EF06GE01) Reconhecer características geográficas do lugar e vivência do aluno; (EF06GE01.SJ) Reconhecer características geográficas. Relacionar aspectos que revelam a identidade do aluno com o seu bairro e município.

As escolas atualmente precisam trabalhar com as suas propostas apresentadas nos documentos curriculares dos seus municípios, articulando com a BNCC (2018). Apesar das diferentes divergências a respeito do documento, buscamos interpretar e construir propostas que dialoguem com as escalas local, regional, nacional e global, a partir da necessidade das discussões referentes à Geografia.

Sendo assim, a partir das habilidades (EF02GE05): Analisar mudanças e permanências, comparando imagens de um mesmo lugar em diferentes tempos e (EF02GE08): Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência, compreendemos a necessidade de trabalhar com as práticas socioespaciais dos estudantes. As turmas

do sexto ano, neste município, têm três aulas ministradas em sequência.

Desenvolvemos a proposta didática em diferentes momentos para que a aula tivesse momentos teóricos e práticos: Parte 1: a) Apresentação do tema; b) Solicitação dos estudantes desenharem qualquer paisagem que fosse significativa para eles; c) Apresentação por eles dos desenhos e seus significados, buscando entender os objetos artificiais e naturais. Parte 2: a) Apresentação das diferentes imagens de paisagens conhecidos por eles; b) Discussão sobre: mudanças, permanências, formas, conteúdos e funções dessas paisagens e das cidades correspondentes. Parte 3: a) Discussão sobre parte da cidade de Silva Jardim, através das imagens de satélites, para perceberem as rugosidades presentes e os objetos naturais e artificiais. Parte 4: Finalização com a realização da maquete local.

Proposta didática e o ensino da cidade como elemento para pensar a paisagem

A construção de propostas didáticas tem como fundamento, produzir práticas didáticas que colaborem para a aprendizagem dos estudantes. Sendo assim, ela tem que descrever as proposições das informações que são necessárias para que possa seguir um plano de atividades com objetivos, conceitos, conteúdos e metodologias a serem desenvolvidas com os estudantes.

Segundo Micotti (1997): “A construção do saber envolve invenção, criação; isto coloca para os professores o problema de organizar situações para promover a passagem daquilo que os alunos já sabem para o que desconhecem (s.p)”. Assim, as propostas precisam estar orientadas para pensar em situações que os estudantes possam aprender novos conteúdos e novos conceitos, a fim de usá-los na vida cotidiana.

Dessa forma, as propostas didáticas precisam trabalhar a relação da mediação dos estudantes com os professores, no intuito de construir atividades nas quais eles estejam inseridos no processo. Então, as orientações e os encaminhamentos são pensados, organizados e aplicados para que os estudantes tenham uma variedade de possibilidades de intervenção sobre o seu conhecimento, para garantir uma aprendizagem que seja significativa.

Quando Micotti (2007, s.p) comenta que “toda proposta didática está impregnada, implícita ou explicitamente, de uma concepção do processo de ensino-aprendizagem”, isto significa dizer, que existe uma concepção de ensino que precisa dialogar com teorias educacionais que darão suporte às necessidades do ensino em questão. Nesta pesquisa, a proposta é trabalhar a partir da teoria de Ausubel (1982). A aprendizagem significativa é desenvolvida com base em conceitos que mobilizam a linguagem e as propostas que buscam considerar o contexto social e os níveis cognitivos de aprendizagens.

À vista disso, as propostas didáticas promovem discussões que impactam a articulação constante entre o conhecimento científico e o conhecimento prévio do estudante, ao trazer uma proposta de trabalho que promova a construção do conhecimento geográfico das diferentes formas espaciais, apoiado em conteúdos ministrados ao longo do ano, necessários para entender os fenômenos geográficos espacializados em diferentes escalas geográficas (Sacramento, 2017b).

O ensino de Geografia nos provoca a pensar geograficamente nos lugares onde vivemos, para tanto, precisamos desenvolver outras formas de leituras sobre os fenômenos. Segundo Cavalcanti (2012, p. 40), “a compreensão mais ampla e crítica do ensino geral e dos fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia escolar, realizada pela teoria didática, é um dos subsídios para a atuação docente consciente e autônoma”.

Dessa maneira, Cavalcanti (2019) tem buscado em seus estudos, modos de compreender a concepção de pensar geograficamente para ensinar Geografia, pois o estudante precisa criar condições de analisar uma determinada dinâmica espacial a partir da leitura científica que explique como esses fenômenos e objetos se localizam no espaço. Parece algo simples, mas não é. Segundo a autora: “O pensamento geográfico é a capacidade geral de realizar a análise geográfica de fatos ou fenômenos”. (p. 64), ou seja, a organização do conhecimento geográfico pode ser considerada, levando em conta o que e como construir formas de interpretar, apoiadas em uma lógica de raciocinar geograficamente o espaço e seus conceitos.

Ao estudar o ensino da cidade de Silva Jardim, queremos que os estudantes possam criar, a partir de suas práticas socioespaciais, formas de aprender o conceito; neste caso, o conceito de paisagem.

Apreendemos que a construção da proposta didática através da paisagem encontrada na cidade, potencializa as leituras e interpretações geográficas da escala local, valorizando aquilo que Cavalcanti (2019)

destaca a respeito de pensar as diferentes escalas de análises dentro da própria proposta metodológica para ter uma discussão dos fenômenos; neste caso, da cidade, partindo da paisagem enquanto conteúdo e conceito. Assim, é importante que a proposta didática articule como aquela paisagem da cidade foi modificada, quem a modificou, e apresentar também sua importância para o contexto (social, histórico, ambiental, etc.) no qual a cidade está inserida.

Proposta didática: Paisagem urbana de Silva Jardim-RJ

A discussão sobre os conceitos de paisagem envolvendo as práticas socioespaciais dos estudantes, potencializam a participação deles na dinâmica ativa da aula e a compreensão teórico-prática sobre os conceitos que permeiam os conteúdos trabalhados durante o ano, segundo a BNCC (2018).

Desenvolver a capacidade da leitura espacial a partir da compreensão sobre mudanças e permanências da paisagem é trabalhar com os estudantes a necessidade de pensar o espaço geográfico e seus elementos físico-naturais como sociais. Desta maneira, trabalhar com as imagens e as maquetes como recursos didáticos potencializam as leituras sobre elementos humanos (objetos técnicos artificiais) e objetos naturais e suas localizações no espaço e nos lugares, com base na cidade de Silva Jardim-RJ.

A aprendizagem significativa se organiza a partir do momento em que buscamos trabalhar os conhecimentos prévios e os novos conhecimentos a fim de que os estudantes possam a partir de um conhecimento específico, ter condições que criar novos significados ao conhecimento. Conforme Moreira (2010, p. 2)

É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre os conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva.

Destarte, os estudantes agregam novos conhecimentos a partir do momento em que o professor desenvolve em sua mediação, a construção de propostas didáticas que potencializam a organização dos conceitos e conteúdos que articulam os processos cognitivos que mobilizam a aprendizagem.

Quando se propõe pensar o conceito no ensino de Geografia, nos ancoramos nas discussões realizadas por Couto (2005), Castellar e Vilhena (2010), Cavalcanti (2019) pois, para o aluno aprender, ele precisa se apoderar da palavra, é preciso colocar novos sentidos, inserindo novas informações para criar uma estrutura de raciocínio lógico.

Como destacam Castellar e Vilhena (2010), o conceito é uma ideia sobre um fenômeno ou objeto, por meio das práticas e experiências do sujeito, da compreensão que é feita do mundo, das configurações sociais que são estabelecidas. Isto é, são construções de significados dos objetos e fenômenos que concebemos para apreender o mundo à nossa volta, e o papel da escola é intermediar a transformação deles.

As autoras ainda argumentam que “ao se apropriar dos conceitos, com base em uma aprendizagem significativa, o aluno reconhece as palavras e os símbolos e compreende o fenômeno” (Castellar e Vilhena, 2010, p. 103).

Para pensar sobre o conceito de paisagem e discutir a questão da cidade de Silva Jardim, desenvolvemos a partir da problematização do tema, a solicitação de um desenho no qual o estudante poderia desenhar um lugar que mais gostasse e escrever porque ele quis realizar o referido desenho (Figura 2). O objetivo era a apresentação dos lugares com uma paisagem com elementos/objetos físicos e/ou artificiais, para começarem a perceber que os lugares e as paisagens são diferentes e tem objetos espaciais que podem ser diferentes ou iguais. Segundo Castellar e Vilhena (2010, p. 115): “As atividades que utilizam imagens ou desenhos podem ser o ponto de partida para o professor avaliar a capacidade de agrupar e classificar do aluno, o que implicará o entendimento do conceito”.

Figura 2 *Desenho da paisagem dos estudantes.*

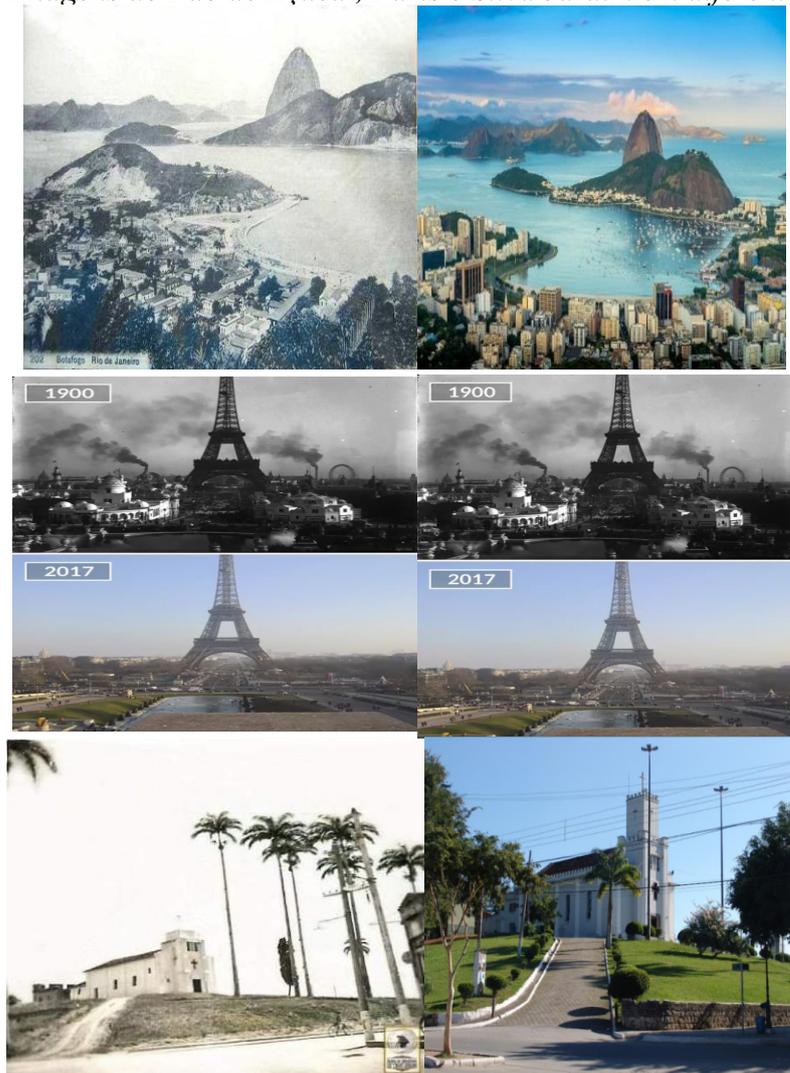
Fonte: Desenhos elaborados pelos estudantes 1 e 2 (2023).

Desse modo, os estudantes apresentaram seus desenhos, em frente à turma, para que todos vissem suas produções. Na sequência, foram colocados no quadro branco os elementos descritos por eles, os quais começaram a identificar que as paisagens tinham objetos naturais ou artificiais de acordo com a interferência humana ou não; bem como, funções e estruturas diferentes.

Alguns estudantes conseguiram apreender que as paisagens descritas têm diferentes características, após a apresentação das imagens de lugares com paisagens distintas. Então, solicitamos que os estudantes identificassem que elementos apareceriam nas duas imagens do mesmo lugar em momentos distintos, observando o que mudou e o que permaneceu (análise comparativa). Foram apresentados três conjuntos de imagens: Pão de Açúcar, Torre Eiffel e Igreja Católica de Silva Jardim. Logo, perguntamos se eles conseguiram perceber o que mudou ou que não mudou? As discussões se basearam nas mudanças e permanências, as formas, conteúdos e funções, ao longo do tempo, presentes nas imagens (Figura 3).

O objetivo da atividade era permitir que o aluno realizasse uma análise comparativa das imagens de satélites de anos diferentes, a fim de descobrir as mudanças e permanências das paisagens dos três lugares.

Figura 3 *Imagens do Pão de Açúcar, Paris e Silva Jardim em diferentes tempos.*



Fonte: Google fotos (2023).

Perguntamos a partir dessa análise: Todos os lugares mostrados são iguais? Eles têm alguma coisa parecida? O que eles têm de diferente? Cada um representa um lugar? Estas discussões partiram da concepção trazida por Santos (1988, p.71) sobre pensar a paisagem como “um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea”.

Ao apresentar Silva Jardim, mostramos a relação entre os conceitos trabalhados e propusemos uma dinâmica para que eles pensassem a cidade e os diferentes lugares que foram transformados ao longo do tempo. O objetivo era apresentar as imagens de satélite buscando mostrar o quanto o entorno da escola sofreu modificações, assim como, identificar quais foram as áreas mais prejudicadas e os principais atores que potencializaram tais mudanças na paisagem.

A partir das falas dos estudantes, que foram escritas no quadro (Figura 4a e b), foram trabalhados os principais conceitos: paisagem, forma, conteúdo, permanência, mudança, função, estrutura. Os alunos descreveram os elementos presentes e o que significam.

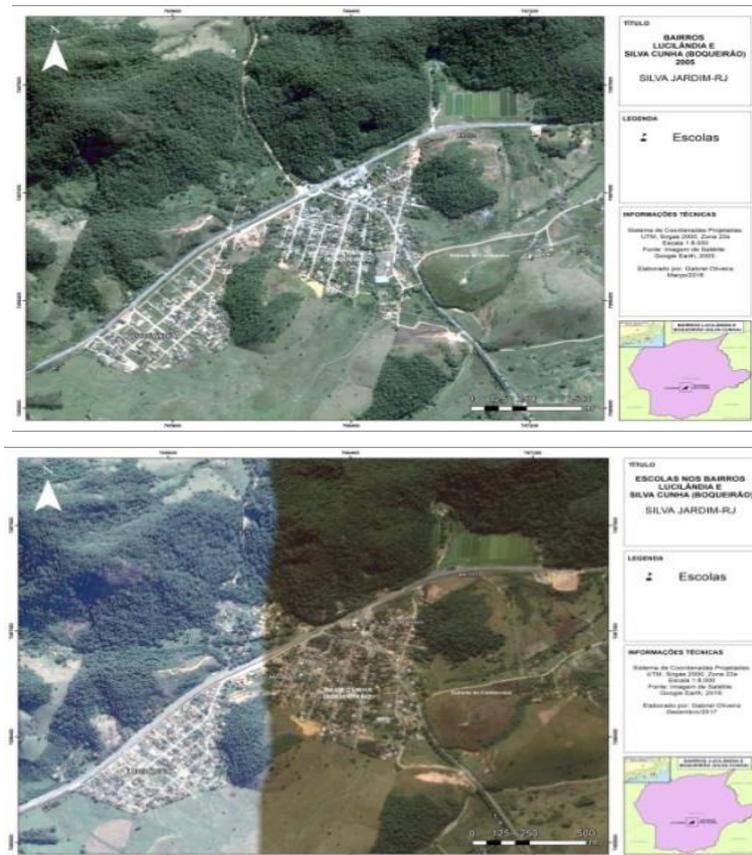
Figuras 4a e 4b *Atividade sobre Paisagem articulada com os estudantes.*



Fonte: Autoras (2023).

As imagens do Google Earth de uma parte da cidade de Silva Jardim (Figuras 5a e b), em dois momentos distintos, foram identificadas pelos estudantes, que vinham ao quadro, percebendo os elementos compostos nos diferentes momentos nas imagens, visto que houve mudanças de uma para outra. Eles foram indagados sobre quais lugares percebiam mudanças e por que foram mudadas (análise comparativa).

Figuras 5a e 5b *Imagens de satélite de parte de Silva Jardim de 2005-2016*



Fonte: Organizado por Gabriel Oliveira (2023).

Para Babo e Santos (2022), o uso de geotecnologias permite articular metodologias para promover a

criação, bem como a recriação de conteúdos e conceitos sobre a cidade para conduzir uma aprendizagem mediada e significativa, por meio de atividades didáticas à assimilação e ao equilíbrio de conceitos. Trabalhar com imagens de satélites possibilita outra forma de leitura no qual os estudantes precisam aprender a ler o que significa cada objeto presente nelas.

Então, cada resposta dependeu de cada aluno, mas a ideia era a compreensão de especulação imobiliária, aumento da população local, organização espacial da cidade, diminuição das áreas verdes, dentre outros.

Esta parte da atividade foi planejada para fazer com que os estudantes percebessem a diferenciação da paisagem natural e da paisagem transformada, promovendo a apreensão dos objetos naturais e artificiais, os usos e a organização do espaço social, as mudanças e permanências presentes na cidade de Silva Jardim (Figuras 6a e 6b).

Figuras 6a e 6b *Estudantes assinalando os objetos nas imagens de satélite*



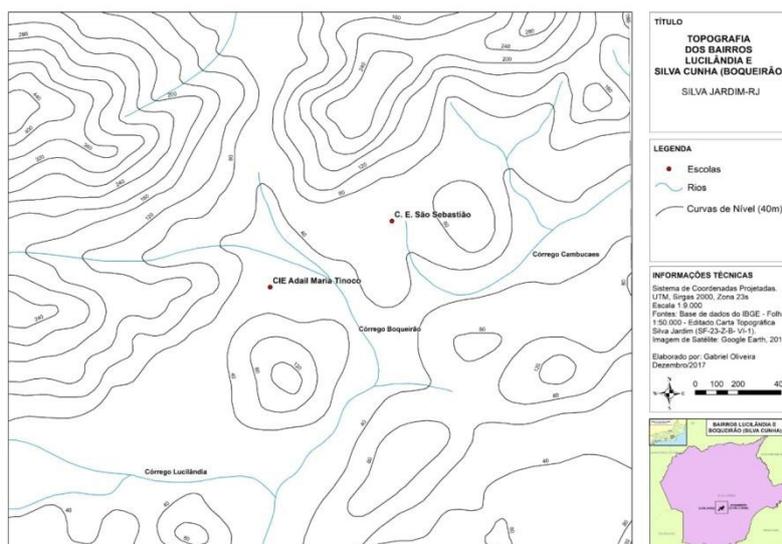
Fonte: Autoras (2023).

A partir do estudo assim conduzido, o aluno apreende o significado do conceito de paisagem e da cidade de Silva Jardim para refletir sobre os elementos pertencentes à cidade, envolvendo as dinâmicas urbanas – sejam eles de qualquer natureza –, associa fenômenos ambientais à gestão de recursos naturais (água, esgoto, saneamento, emissão de poluentes etc.), de preferência comparando o que acontece em diversas realidades de outras cidades, estados ou países (Castellar & Vilhena, 2010, p. 122-123).

Para finalizar a proposta didática, os estudantes montaram a maquete da imagem apresentada (Figura 7). Com esta atividade, objetivou-se o conhecimento de diferentes linguagens e o diálogo com a cartografia.

A maquete como metodologia permite o estudante obter conhecimento de conceitos básicos da cartografia, como: o que é a maquete, a importância de fazê-la, o que é uma carta topográfica, curva de nível (cotas altimétricas), relevo, legenda, colorimetria, quais aparelhos captam a altimetria.

Seria uma representação de um lugar ou uma paisagem em escala reduzida? Por que fazer a maquete? A construção de maquetes tem o objetivo principal de fazer com que o aluno compreenda o espaço tridimensional representado por elas, estabelecendo diferenças entre o bidimensional do mapa/carta e as três dimensões da maquete, além de desenvolver no educando as noções de proporção, orientação, localização e percepção (Simielli & outros, 1992).

Figura 7 Base para elaboração da maquete

Fonte: Organizado por Gabriel Oliveira (2023).

A importância de se estudar o relevo se relaciona a entender os processos de organização geográfica da própria paisagem e seu uso pelas sociedades humanas, mas também sobre as relações entre o meio físico e os homens. Além disso, a maquete também serve para espacialização e localização de outros fenômenos naturais e sociais, como: indústria, agricultura, vegetação, hidrografia, cidades, pontos turísticos e outros. Neste caso, o trabalho é desenvolvido com base em parte da cidade de Silva Jardim (Figura 8). Elementos básicos são trabalhados como: curva de nível (cotas altimétricas), colorimetria, relevo, escala dentre outros.

Figura 8 Os estudantes construindo as maquetes

Fonte: As autoras (2023).

A maquete potencializou a discussão do conceito de paisagem a partir do momento em que os estudantes conseguiram entender as diferentes formas apresentadas para mostrar as rugosidades presentes em Silva Jardim.

Considerações finais

Ensinar os conteúdos e conceitos partindo da cidade de Silva Jardim permitiu trabalhar com as práticas socioespaciais dos estudantes, alicerçada na aprendizagem significativa. Assim, buscamos ampliar cognitivamente a visão espacial dos estudantes, a fim de que eles refletissem e desenvolvessem sua capacidade de análise a respeito do conceito de paisagem.

Organizar uma proposta didática que articule a cidade e os conhecimentos geográficos permitiu que os estudantes realizassem análises sobre as realidades que os cercam e perceberem que a paisagem tem forma, conteúdo, estrutura e dinâmicas diferentes, de acordo com o tempo.

O uso do conceito de paisagem possibilitou trabalhar os conteúdos abordados com uma carga de significado muito maior para os alunos. Por exemplo, trabalhar a imagem da cidade e mostrar a paisagem artificial, entendida como aquela que o homem modificou, a partir de diferentes ações, trabalhos e meios produtivos, usando de diferentes técnicas e instrumentos. Assim, a cidade de Silva Jardim tem objetos naturais como também artificiais.

Fontes de Fomento

CNPQ, FAPERJ e UERJ.

Crédito

Andressa Cabral Barci: Conceitualização, Investigação e Metodologia

Ana Claudia Ramos Sacramento: Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto e Redação

Referências Bibliográficas

André, M. (2000). *Etnografia da prática escolar*. (5a ed.). São Paulo, SP: Papirus, 2000.

Ausubel, D. (1982). *A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo, SP: Moraes.

Babo, J. A. M. & Santos, L. da S. (2022). Uso das geotecnologias para o estudo da cidade de São Gonçalo, no ensino de Geografia. In: Sacramento, A. C. R. *Ensino de Geografia e a cidade de São Gonçalo* [recurso eletrônico]. Goiânia, GO: Alfa Editora e Comunicação, (33-50).

Brasil. (2018) *Base Nacional Comum Curricular Ensino Fundamental*. Brasília: MEC.

Castellar, S. & Moraes, J. V. (2010). *Ensino de Geografia*. Porto Alegre, RS: Thompson.

Cavalcanti, L. de S. (2012). *A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas, SP: Papirus.

Cavalcanti, L. de S. (2019). *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social*. (1a. ed). Goiânia, GO: C&A Alfa Comunicação.

Couto, M. A. C. (2005). *Construção dos Conceitos Científicos e Escolares: caminhos para a organização da educação geográfica*. [Tese de Doutorado. Pós-graduação em Geografia Humana- FFLCH/ Departamento de Geografia-USP].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). *Cidades. Silva Jardim*. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/silva-jardim.html>

Micotti, M. C. de O. (1997). As propostas didáticas e a prática escolar. *Educação: Teoria e Prática*, 5(8/9), 08-16.

Oliveira, T. G (2020). *Análise da fragmentação florestal e a Lei de Proteção da Vegetação Nativa: o município de Silva Jardim, RJ*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC Rio de Janeiro. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50994/50994.PDF>.

Silva Jardim. Secretária de Educação Ciência e Tecnologia. (2022). Proposta curricular do ensino fundamental II do município de Silva Jardim. Silva Jardim, RJ.

Sacramento, A. C. R. (Ed.) (2017a). A cidade de São Gonçalo como elemento espacial para estudar Geografia. In: Ensino de Geografia e a cidade de São Gonçalo [recurso eletrônico]. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ.

Sacramento, A. C. R. (2017b). A produção de jogos na formação docente: material didático e ensino de Geografia. In: Portugal, J. F. (Ed.), Educação Geográfica: temas contemporâneos (1a ed). (221-233). Salvador: Edufba.

Santos, M (1988). Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo, SP: Edusp.

Simielli, M. E. & outros (1992). Do plano ao tridimensional: a maquete como recurso didático. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB-São Paulo, 70 (5-21).

Souza, M. L. de. (2011). ABC do Desenvolvimento Urbano. (6a. ed). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

Thiollent, M. (2007). Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez.